



ROMANCES CLÁSSICOS NA SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM DIÁRIOS DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO

Luciene Batista Aranha¹

Rede Estadual de Ensino, ciene_aranha@hotmail.com

Considerações iniciais

O ensino de literatura na maioria das vezes tem se resumido a apresentação de características e considerações acerca do período histórico ao qual determinada estética literária pertence, desprezando ou relegando a segundo plano o contato do aluno com o texto literário em si. Sabe-se que não tem sido fácil incentivar os alunos a lerem romances clássicos, especialmente nesta era digital e muito imediatista, entretanto faz-se necessário que o professor adote estratégias para que possa conquistar o leitor, propiciando-lhe uma experiência prazerosa de leitura. Por isto, o presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados de uma experiência de escrita com diários de leitura de romances clássicos, especialmente do Romantismo, que está sendo realizada numa turma de 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges de Carvalho, em Alagoa Nova. Como embasamento teórico, seguiremos as considerações de Pinheiro (2006) e Cosson (2015), em artigo que trata da prática da leitura literária na escola.

Foi a partir das considerações de Pinheiro (2006:113) que esta experiência de leitura com a escrita de diários foi pensada como forma de fugir um pouco do ensino baseado em teorias literárias. A intenção era a de que os alunos tivessem contato direto com a obra literária:

“O que estou querendo dizer é que deveríamos fugir dos esquemas de livros didáticos de literatura que sempre iniciam oferecendo conceitos e quase nunca colaboram para despertar o interesse pela literatura”. Compreender a natureza da literatura, estudar os diferentes gêneros e sua rígida caracterização, determinar a estrutura de obras, as influências, entre tantas outras questões, tornou-se uma imposição para o estudiosos da literatura. (PERROTI, 2006, p. 113)

Ainda conforme Pinheiro (2006, p. 120) “acredito que é possível ser didático sem ser necessariamente, rasteiro. E acredito também que os alunos, devidamente estimulados/motivados, poderiam realizar alguns exercícios de crítica, que tivessem como leitores os próprios colegas de escola”. E complementa:

¹ A professora é Mestre em Letras com defesa de Dissertação na área de Linguagem e Ensino pela UFPB, intitulada O “utilitarismo às avessas” em obras infantis de Ruth Rocha.



Imagino, inclusive, que algumas avaliações poderiam ser a apreciação dos alunos sobre as obras literárias lidas. Mesmo quando se rebelam contra obras que para nós professores são canônicas. Quem sabe eles não tenham razão sobre um aspecto que não havíamos pensado? (PERROTI, 2006, p. 121)

Uma questão crucial, segundo Cosson (2015:164) é “qual o lugar do professor em relação à leitura literária e das práticas pedagógicas que ela demanda: ensinar ou mediar a leitura literária”? Segundo ele, nos anos iniciais do Ensino Fundamental é instituída a leitura ilustrada, baseada numa atividade de fruição e deleite. Já nos anos finais do Ensino Fundamental ocorreria a leitura aplicada que se destina a promover o conhecimento. Nesse caso, ela assumiria um papel ancilar no ensino de Língua portuguesa, através de exercícios de compreensão de texto ou de emprego linguístico. A proposta seria, então, configurar o professor como mediador da leitura literária que ocupasse um lugar renovado na escola como centro da formação do leitor.

Descrevendo a experiência

A experiência com diários de leitura têm sido uma constante nas aulas de Língua Portuguesa da instituição em que foi realizada. A turma escolhida já vivenciou outras vezes, com outra professora, a escrita de diários de leitura, sendo que a escolha dos títulos era realizada pelos alunos, que pelo que se percebeu preferiam permanecer na zona de conforto, não se arriscavam a ler obras que não fizessem parte do seu horizonte de expectativas.

A turma é composta por vinte e sete adolescentes em idade regular, com média de 14 anos, sendo aproximadamente 90% residentes na zona urbana, que estudam juntos há, pelo menos, dois anos. Desta vez, a proposta era escolher um título dentre as possibilidades sugeridas pela professora, todas elas romances do Romantismo ou Realismo/Naturalismo brasileiros, o que causou certa “revolta” em alguns dos estudantes. A maioria, porém, aceitou sem grandes questionamentos como demonstra o trecho abaixo de um dos diários:

Encontrei o livro Ressurreição na biblioteca da escola... Indicado pela professora de literatura. Assim que vi o livro não fazia a mínima ideia do que se tratava a história e confesso que assim que comecei a ler, achei-o meio chato e cansativo, mas depois a história foi melhorando. (Bruna Duarte sobre o livro Ressurreição, de Machado de Assis)



Alguns dos clássicos sugeridos foram: *Lucíola*, *Diva*, *A Pata da Gazela*, *Tronco do Ipê*, *O guarani*, *Cinco minutos*, *A viuvinha* e *Sonhos D'ouro*, do autor cearense José de Alencar. Além de *O seminarista*, de Bernardo Guimarães; *A Moreninha* e *O Moço loiro*, de Joaquim Manuel de Macedo, *Helena e Ressurreição*, de Machado de Assis, considerados românticos; e três obras do Realismo/Naturalismo: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

As escolhas foram realizadas pelos alunos de forma aleatória. Alguns escolheram pelo título, outros porque gostaram da capa e até com indicação direta do professor. Os alunos tiveram, em média, um mês e meio para a realização da leitura até o dia da socialização, que ocorreu em conjunto com a outra professora que divide a turma, lecionando os aspectos linguísticos. Ao todo foram utilizadas dez aulas assim distribuídas: 02 para apresentação da proposta, 02 para a escolha dos títulos, 02 para acompanhamento e possíveis dúvidas quanto à escrita dos diários e 04 para as apresentações que ocorreram com a turma em círculo, sem que houvesse grandes formalidades.

Na apresentação da proposta foi entregue aos alunos uma espécie de roteiro bastante elementar que continha algumas informações essenciais para a escrita do diário de leitura, entre eles:

- Nome do livro e Autor;
- Editora;
- Número de páginas;
- Data de início da leitura;
- Onde encontrou o livro.

Além disso, outras sugestões do tipo: descreva com detalhes: como foi teu primeiro encontro com ele. O que sentiu? O que mais te chamou atenção? Capa? Título? O quê? E outros tópicos como:

- Breve resumo da obra;
- O que mais gostou no livro;
- O que aprendeu com a leitura;
- Caso não tenha gostado de algo, registre o motivo.
- Durante a leitura, o que você sentiu? Lembrou-se de algo? Filme? Livro? Trecho da sua vida? Compare.
- A leitura foi difícil ou fácil? Por quê?



- Indicaria o livro para alguém? Por quê?

Durante o percurso, muitas foram as reclamações, especialmente no que se refere à linguagem empregada à época pelos autores, mais de 90% dos alunos apontaram isto como uma dificuldade, porém ao entregarem os diários, grande parte considerou que não prejudicou a compreensão, como é possível ler no trecho:

Bem, gostei do livro, mais do que esperava. A leitura não é tão difícil o quanto parece por se tratar de um livro publicado em outro século. O que mais gostei foi da atitude de Bertoleza, pois ela preferiu morrer do que se tornar escrava novamente. (Andressa Costa C. Nunes sobre a obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo)

Um aspecto interessante foi o de que alguns alunos conseguiram relacionar as obras com outras leituras ou filmes, já que um dos tópicos do diário era: a leitura o fez lembrar algo? Filme? Livro? Da sua vida?

O livro tem algumas palavras que não conheço, mas com atenção é fácil entendê-las. Gostei do livro do início ao fim, me espantei principalmente com o final foi incrível, esse final me lembrou um filme que é um pouco parecido “quem quer ser um milionário” que é onde um menino e uma menina se encontram na infância, mas se separam e quando adultos se reencontram. (José Gabriel sobre *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo).

A mesma obra, inclusive, fez com que os alunos fizessem referências diferentes, enquanto um lembrou um filme, outra associou à história da Cinderela, em que o camafeu teria a mesma função do sapato de cristal:

Durante a leitura, na parte em que ele conta sua história com a menina na praia. Lembra um pouco a história da Cinderela, pois ele só tem o camafeu para encontrá-la. (Déborah de Aquino Alves sobre *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo).

Outras leituras como a da obra *A pata da gazela*, por exemplo, levaram as duas alunas a fazerem alusão à história da Cinderela, talvez por ser um dos contos de fada mais conhecidos por todos, como vemos em um dos diários:

Ao ler o livro lembrei-me da Cinderela, pois como Amélia ela ao entrar na carruagem apressada perdeu o seu sapato e um jovem encontra e procura a dona até encontrar. (Beatriz Hayelly relacionando a leitura do romance *A pata da Gazela*, de José de Alencar com outras leituras).

Talvez pelo fato de terem lido, em grande parte, obras da coleção “Série Bom Livro”, da Editora Ática, que são dos mais antigos do acervo da biblioteca da escola, deu a eles a impressão de livros velhos, ultrapassados, no entanto no decorrer da leitura foram perdendo essa imagem e dando



ênfase à história:

04 de julho, 2016

Nesta data iniciei uma leitura, que mais a frente iria me envolver com a história do jovem seminarista.

Bom, julgado pela aparência, o livro me parece um tanto antiquado e velho. A capa dessa edição de O seminarista tem como ilustrações uma serpente e uma espécie de cupido. Na verdade, só consegui compreender o significado desses desenhos na história, no decorrer da leitura.

[...]

(Bruno Domingos Gadelha)

A escola possui uma biblioteca que conta com mais de dez mil títulos, adquiridos ao longo do tempo por doações ou oriundos do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). É comum a visita dos alunos à sala de leitura, ainda que uma das dificuldades seja não ter profissionais habilitados para a organização do acervo e elaboração de projetos de incentivo à leitura. Como afirma Edmir Perroti:

Se, aparentemente pouco relevante, olhado com atenção, tal indício indicava-nos um dado essencial e que necessita ser considerado na criação de espaços de leitura, empenhados com a formação de leitores: espaço de livros não se transformam necessária e automaticamente em espaços de leitura. Na realidade, com a biblioteca havíamos criado um depósito, um armazém cinzento de publicações desatualizadas e inadequadas a nossos propósitos. Daí ser ela incapaz de criar interesse, vinculações, relações, sociabilidades em torno da palavra escrita. (PERROTI, 2015, p.101-102)

A Biblioteca não pode ser um depósito de livros e, recentemente, houve uma reorganização do espaço o que permitiu um contato mais agradável dos alunos com o ambiente destinado à leitura e a necessidade de se incentivar cada vez mais o empréstimo das obras disponíveis. Por isto, a área de Linguagens² procurou inserir, em suas aulas, estratégias e atividades que desenvolvessem a competência leitora, através da realização de seminários em aulas de literatura, circuito de leitura, em que o professor procura incentivar o rodízio de livros em sala de aula e a escrita de diários de leitura também nas aulas de Língua Portuguesa, já que a leitura tem sido uma das grandes preocupações da escola como um todo, estando inserida no planejamento das outras áreas do conhecimento.

² A autora do artigo é coordenadora da Área de Linguagens da escola e, por ser pesquisadora em literatura, tem procurado incentivar os outros professores a realizarem experiências com a leitura, especialmente a literária.

A atividade a ser realizada ocorreu em duas etapas: a leitura e escrita dos diários e a socialização em sala de aula. Os alunos teriam a liberdade de escolha para a confecção dos diários, uns compraram agendas e/ou cadernos, alguns customizaram as capas artesanalmente, outros utilizaram apenas folhas avulsas de ofício.

Já o momento de socialização ocorreu de forma muito simples, com os alunos em círculo, visto que o objetivo era que todos tivessem coragem de comentar a leitura, não chegou a ser apresentado em forma de seminário, foi mais uma conversa informal em que os colegas puderam, inclusive, tirar dúvidas durante as apresentações que ocorreram em seis aulas.

Os resultados da experiência

O interessante é que como foram títulos sugeridos pela professora todos estavam disponíveis na biblioteca da escola, de forma a facilitar o acesso do aluno ao livro, incentivar a visita ao espaço e o empréstimo de obras representativas da literatura brasileira. O que se observou ao final da experiência é que apenas três alunos conseguiram a obra de outra forma e que os outros recorreram à sala de leitura, o que é muito positivo.

Uma outra questão que foi colocada por alguns dos alunos é que hoje em dia ninguém mais quer saber de romantismo e, por isso, não indicariam a leitura da obra. O contraditório é que tiveram quebra de expectativa e ficaram meio decepcionados, pois as histórias não tinham finais felizes. Foram questionados com a seguinte pergunta: não são românticos e querem final feliz?

Minhas considerações finais

Bom, estou decepcionado. Na verdade, me identifiquei muitíssimo com o personagem. Seria bem mais satisfatório um final no qual os dois terminassem juntos. Infelizmente nem tudo é como nos contos de fadas.

É óbvio que eu recomendo O seminarista, tem sim a quebra de expectativa, mesmo assim é um romance único pra mim. E com certeza não me esquecerei do amor entre Eugênio e Margarida.

(Bruno D. Gadelha)

Uma outra atitude que despertou o interesse da pesquisadora foi o fato de alguns leitores, especialmente as adolescentes, realizarem a leitura procurando frases que chamassem a atenção, carregadas de “mensagens” como se o autor estivesse ensinando algo, o que suscitou uma conversa sobre a questão de que o narrador não é o autor e que determinada sentença foi proferida pela personagem, como se observa em “O amor triunfou porque era o afeto d’alma, e não o culto plástico da



beleza.”(A pata da Gazela, de José de Alencar).

Apesar da experiência com escrita de diários de leitura ter durado poucos meses foi perceptível a troca de vivências de leitura que ocorreram durante o processo, já que alguns leram os mesmos romances ou acompanharam a leitura dos colegas, o que fez com que amadurecessem como leitores e “abrissem” mais o leque de opções de leituras consideradas clássicas.

Considerações finais

O que ficou evidente é que é preciso repensar junto à comunidade escolar a forma como a leitura literária está sendo abordada pela escola, visto que se constatou uma reclamação geral por parte dos alunos em ter que realizar a leitura de um romance clássico, embora alguns tenham gostado da leitura e tenham o costume de ler obras que eles mesmo escolhem aleatoriamente. Como a escola está, a cada ano, revendo sua proposta pedagógica e elaborando Plano de intervenção Pedagógica a partir da análise dos descritores em que os alunos apresentam maiores dificuldades nas avaliações estaduais como o IDEPB, é urgente que sejam utilizadas estratégias que desenvolvam a competência leitora, especialmente em relação à leitura literária.

Um dos pontos positivos observados na experiência foi a percepção por parte dos leitores que pegaram por empréstimo os livros na biblioteca da escola de que uma mesma pessoa leu todas praticamente todas as obras da Coleção Série Bom Livros, fazendo inclusive observações a lápis, o que segundo os alunos ajudou na compreensão da leitura, o que comprova que houve socialização entre os leitores durante o percurso de leitura das obras. Alguns relataram que usaram uma rede social para conversar entre si assim que surgiam dúvidas ou gostavam de algo na história lida.

Referências

ARANHA, Luciene Batista Aranha. **O “utilitarismo às avessas” em obras infantis de Ruth Rocha.** João Pessoa: UFPB, 2004.

COSSON, Rildo. A prática da leitura literária na escola: mediação ou ensino?. IN: Nuances: estudos sobre Educação. Presidente Prudente – SP, v.26, n.3, p.161-173, set/dez. 2015.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

PERROTI, Edmir. Estações de Leitura, dispositivos de mediação, cultural e a luta pela palavra. IN: Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente -SP, v. 26, n. 3, p. 93-112, set./dez. 2015.

PINHEIRO, Hélder; NÓBREGA, Marta (Orgs). Literatura: da crítica à sala de aula. Campina Grande: Bagagem, 2006. p.111-126.

Como fazer seu diário de leitura. Disponível em: emefarmandoarruda.blogspot.com/2013/02/como-fazer-seu-diario-de-leitura.html. Acesso em 17 de julho de 2016, às 19:36.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br